

A guerra à tradição na *avant-garde* como ideal de “arte total”: a vida como *medium* artístico

Contraste-se, por um lado, certas passagens do *Manifesto do Futurismo* de Marinetti, bem como do seu *Manifesto sobre a Guerra na Etiópia* (em particular as passagens citadas por Benjamin nos parágrafos finais do seu *A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica*), o artigo de jornal de Ilya Ehrenburg “Matai”, no *Krasnaya Zvezda* (24 de Julho de 1942), marchas militares como “Guerra Sagrada” (“Svyashchennaya Voyna”, escrita em 1941 por Alexander Alexandrov, regente do Alexandrov Ensemble) e, por outro lado, a pintura de 1918 de Paul Nash, *We are making a new world*, ou a *Guernica* de Picasso. Num sentido, todas envolvem alguma forma de “estetização da política”, no sentido básico de apresentarem um tema político através de um *medium* estético; mas o modo como se alcança isto é ele mesmo diverso. Outra dimensão deste fenómeno, também a florada por Walter Benjamin no célebre ensaio a que aludi, foi a “politização do estético”, do qual uma mais clara e demorada ilustração nos foi dada por Arthur Danto no seu artigo “Kalliphobia in Contemporary Art”: como retaliação simbólica ao abuso da justiça cometido por políticos beligerantes, os artistas maltrataram a beleza, transformando assim para sempre o alcance e possibilidades do próprio estético. Do futurismo ao Dada, a *avant-garde* de inícios do séc. XX define-se pela sua relação com a guerra e a beleza, simultaneamente (a procura da beleza na guerra, a guerra à beleza, a guerra à fealdade de uma sociedade beligerante viciada na beleza, etc.). As mesmas “espirais de fumo de aldeias em chamas” em visões estéticas contrastantes (da exaltação de Marinetti à denúncia de Picasso), e, percorrendo-as todas, o eco das palavras de Mayakovsky: “O nosso deus é a velocidade. O coração o nosso tambor.” (do Poema “A nossa marcha”.) Em indivíduos de simpatias políticas contrastantes, o mesmo apelo ao *ethos* guerreiro, dirigido contra o passado, contra a tradição; a mesma *húbris* da reorganização total da vida (não apenas a representação de uma organização existente) a partir de princípios artísticos, um aspecto que o próprio realismo socialista herdará da *avant-garde*.

Este artigo propõe e discute a seguinte ideia: a estética é a (ou é um aspecto da) organização da vida; como tal, não só é a beleza em si mesma (também) um valor político, a política é um fenómeno estético anteriormente a qualquer concebível “estetização” da mesma. Tanto os “motores que rugem e parecem correr sobre metralha” como as *nikes* aladas da antiguidade clássica têm as suas qualidades estéticas a partir do ponto de vista de uma vida sendo de determinado modo (isto é, o juízo estético futurista, como o seu contrário, exigem mais do que órgãos da percepção a funcionar sob condições normais de observação – exigem a perspectiva de um certo modo de viver); e a novidade fundamental introduzida pela *avant-garde* relativamente a outras fases do desenvolvimento da arte, é a de que a vida sendo de determinado modo se torna ela mesma o *medium* da arte: “a arte é vida e a vida é arte” (de um modo que talvez nunca tenha ocorrido a Beuys), ainda que não seja mais possível acreditar (lendo a “Ode a uma Urna Grega”, de Keats) que a beleza e a verdade são o mesmo.

Ou seja, não se trata meramente de experiência ou percepção: não se pode ser levado por argumentos ou observações a revogar um juízo empírico como “o livro é azul”; a percepção da cor permanece a mesma ao longo da vida. Mas pode-se ser levado a revogar um juízo estético por via de argumentos ou observações: o que antes nos parecia grandioso parece-nos agora mais ligado à pomposidade banal (Tilghman); o que antes nos parecia emocionalmente expressivo parece-nos agora sentimental, no sentido originalmente pejorativo do termo; o que antes nos parecia arrojado, parece-nos agora *kitsch* – note-se aqui uma certa continuidade com um tipo peculiar de avaliação moral, expressa com o que alguns denominaram de *thick terms*. É como sujeitos de uma vida, e não meramente como organismos capazes de percepção, que fazemos juízos estéticos, e é por aqui que começamos a ter algum vislumbre sobre como entender a situação, geradora de tantos perplexos, em que duas pessoas olham para um exemplo de arquitectura moderna (em particular, aquilo a que Scruton se refere por “ditadura do horizontal”), sendo que uma delas tem experiência de beleza, ao

passo que a outra tem experiência de fealdade – porque não se trata de simples propriedades perceptíveis, como no caso da cor.

Este modo de ver o domínio do estético, argumento, permite lançar uma luz mais clara sobre o próprio projecto da *avant-garde*, pelo menos numa das suas facetas, de reorganização total da vida a partir de princípios artísticos.

Palavras-chave: arte, guerra, vida, estética, política.

Bibliografia

Benjamin, Walter (2008), *The Work of Art in the Age of its Mechanical Reproduction*, in S. Cahn & A. Meskin (eds.), *Aesthetics: A Comprehensive Anthology*, Blackwell Publishing.

Danto, Arthur (2014), Kalliphobia in Contemporary Art, *Art Journal* 63(2):24-35.

Foshay, Toby (1992), *Wyndham Lewis and the Avant-Garde, the politics of the intellect*, McGill-Queen's University Press.

Gotshalk, D. W. (1962), *Art and the Social Order*, Nova Iorque: Dover.

Groys, Boris, *Total Art of Stalinism, avant-garde aesthetic dictatorship and beyond*, trans. Charles Rougle, Londres & Nova Iorque, Verso Books, 2011.

Herbert, Robert L., *Modern Artists on Art: ten unabridged essays*, University of Michigan.

Jangfeldt, Bengt (1976) *Majakovskij and Futurism 1917-1921*, University of Michigan.

Kieran Matthew (2005), *Revealing Art*, Londres & Nova Iorque, Routledge.

Levinson, Jerrold (2006), "Intrinsic value and the notion of a life", in *Contemplating Art: Essays in Aesthetics*, Oxford University Press.

Lynton, Norbert (1994), *Story of Modern Art*, Phaidon Press.

Malevich, Kazimir (2003), *The Non-Objective World: The Manifesto of Suprematism*, Nova Iorque: Courier Corporation.

McGinn, Colin, (2003), *Ethics Evil and fiction*, Oxford: Oxford University Press.

Rainey et al. (eds.) (2009), *Futurism an Anthology*, New Haven & Londres: Yale University Press.

Wolterstorff, Nicholas (2015), *Art Rethought: The Social Practices of Art*, Oxford: Oxford University Press.